



Restaurando a Expressão da Unidade da Igreja

Volume II

"O qual (Jesus Cristo) convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3:21).

A **Editora Restauração** é uma entidade sem fins lucrativos criada com o propósito de bem utilizar os recursos de comunicação disponíveis para publicar todo tipo de material que seja útil à restauração e edificação da Igreja de Jesus Cristo.

O sustento espiritual e material desta entidade depende exclusivamente das orações e doações feitas pelos santos que forem tocados pelo Senhor para contribuírem com este ministério.

O material publicado pela Editora Restauração é isento de reserva de direitos autorais estando, portanto, desde já liberado para a reedição e reprodução por qualquer pessoa que deseje participar deste trabalho.

Agradecemos a Deus por nos confiar este importante ministério, que certamente contribuirá com a preparação da Noiva para a vinda do Rei e Senhor Jesus Cristo.

O Editor.

www.editorarestauracao.com.br



O BATISMO **PARTE 3**

Extraído do site: www.gotothebible.com

1ª Edição
Curitiba – Maio 2007

Este livreto é de distribuição gratuita.
Liberada a reprodução parcial ou integral.

Correspondências devem ser enviadas para:
EDITORA RESTAURAÇÃO
CAIXA POSTAL 1945
CEP 80-011-970 – CURITIBA – PARANÁ – BRASIL
editor@editorarestauracao.com.br

A EDITORA RESTAURAÇÃO publica a revista quadrimestral

O VENCEDOR

Esta revista é a versão na língua portuguesa da "The Overcomer"
publicada na Inglaterra desde 1909 e fundada pela
Sra. Jessie Penn-Lewis.

Sua distribuição é gratuita a toda pessoa interessada em seguir o
caminho do crescimento na graça e no conhecimento do
Senhor Jesus Cristo.

Os pedidos de assinatura podem ser feitos pelo endereço da
Editora Restauração ou pela internet
ovencedor@editorarestauracao.com.br

“Creio que Gálatas 3:27 fixou mais meu julgamento quanto ao batismo do que qualquer escritura, pois diz que o batismo era o ato inteligente de um crente, o ato pessoal da fé de alguém, para assim a expressar. Não vejo em 1 Pedro 3:21 nada para dar à mente uma hesitação. Pois enquanto reconhece que a resposta que a consciência está apta para dar, quando lê e recebe o valor da ressurreição de Jesus, que é o principal, ainda implica no colocar o corpo do crente debaixo da água. Ela me parece tomar aquilo como a forma concedida para a ordenança”. *Extraído de “Showers Upon the Grass” (Expostos Sobre a Grama), página 44.*

Anotações Expositivas sobre Atos 16, Wm.Kelly (W.K.)

“Feita uma discípula, Lídia foi batizada (João 4:1) como convinha a ela. Tal foi o mandamento do Senhor aos Seus servos. Somente os machos entre os judeus eram circuncidados; discípulos tanto homens como mulheres (Atos 8:12), foram batizados. Não somente Lídia foi batizada, mas sua família também. “E quando ela foi batizada e sua casa”, etc. Qual é o significado disso! Não ouvimos de crianças ou de marido. Ela podia ser uma viúva sem uma família, ou nunca ter casado. Ela tinha uma família, e ouvimos (verso 40) dos irmãos ali, crentes portanto, e provavelmente não somente homens mas mulheres. Dos pequenos não ouvimos nada, e no cálculo divino, que é pleno e minuciosamente exato objeto de admiração em outros aspectos, nem ao menos inferi nada do gênero, para que a audácia da tradição, do intelecto, da vontade, pudesse deste cálculo extrair uma base para supor crianças neste caso em qualquer quantidade, é tanto audacioso e evidente, quanto injustificável... Nem aqui, nem mais tarde no capítulo, nem em 1 Coríntios 1, há a mínima prova de que alguém foi batizado a menos dos que confessam a Cristo, e... o batismo de crianças não tem suporte Escritural”. *Extraído de “Exposition of the Acts of the Apostles” (Exposição de Atos dos Apóstolos). Volume 2, páginas 54,55.*

PREFÁCIO DO EDITOR

Depois de quase um ano da publicação da parte dois sobre esse assunto tão controverso que é o batismo, encontrei este texto que publico aqui e que recomendo por se tratar de um estudo sério e bastante claro que muito certamente irá ajudar a muitos. Tenho sentido o encargo de chamar a atenção dos irmãos sobre as ordenanças deixadas pelo Senhor para que seja preservada na igreja a unidade e também seja restaurada a expressão dessa unidade.

Nos dias de anormalidade em que vive a igreja do nosso Senhor Jesus, a divulgação daquilo que o Espírito Santo já revelou aos santos nestes últimos tempos é fundamental para o crescimento no conhecimento Dele. Quando a igreja cresce no conhecimento e graça do Senhor com certeza o testemunho Dele na terra também cresce. Como o batismo tem na verdade, entre outras, a finalidade de dar testemunho público da decisão pessoal de entrar para uma nova esfera de vida, a do Reino do céu, é fundamental que ele seja praticado em total compreensão do seu significado e finalidade.

Este escrito que estamos publicando do irmão Ironside é muito abrangente e equilibrado, trazendo a visão que o Senhor deu a ele em seus muitos anos de experiência como ministro cristão e amante do estudo aprofundado da Palavra de Deus. Creio que ele bem no princípio quis destacar um aspecto que muitas vezes é negligenciado pelos pregadores de nossos dias. O batismo na verdade não tem o menor significado, a menos que a pessoa seja alguém que realmente já tenha experimentado o novo nascimento. Isto quer dizer que o batismo é para aquelas pessoas que já receberam o Senhor Jesus como Salvador e Senhor de suas vidas e agora querem dar testemunho público daquilo que já aconteceu com elas. É preciso que este ponto fique bem claro para que essa ordenança do Senhor seja restaurada em sua plenitude na igreja.

Ao escrever sobre os vários aspectos do batismo como testemunho, o irmão Ironside sempre enfatiza o mais profundo significado dele que está relacionado com a morte do Senhor. É maravilhoso perceber que mesmo o nosso Senhor Jesus foi batizado, tanto no sentido de dar testemunho, como no sentido mais profundo do seu significado, o da morte. O Senhor mesmo falou aos discípulos sobre este batismo terrível da morte quando disse: “Importa, porém, que seja batizado com um certo batismo” (Lc 12:50). Se esse batismo, o da morte, foi considerado tão importante pelo próprio Senhor, quanto o é hoje para nós também. Esse aspecto do batismo, o da morte, creio ser o mais significativo em minha experiência pessoal e creio que o seja na de cada um dos demais irmãos.

Vamos crescer nesse conhecimento e aplica-lo tanto em nossa vida espiritual como prática. Que o Senhor possa abençoar os leitores desse livreto para que “todos cheguemos à unidade da fé”. Amém.

BATISMO – O QUE DIZ A ESCRITURA?

H.A.Ironside

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Muitos anos se passaram desde a primeira edição deste livreto, e sendo requerida uma nova edição, revisei consideravelmente meu escrito inicial, embora não alterando em nenhuma parte o ensinamento ali anunciado.

O estudo e experiência posteriores apenas confirmaram o que foi primeiramente escrito, embora creia ter visto muitas verdades análogas de uma forma mais entalhada e alargada do que vi alguns anos atrás.

O mais essencial é Cristo, não o batismo; mas aqueles que amam Seu nome buscarão guardar Sua palavra. Mas nisso é bom lembrar que um espírito indelicado e crítico deve ser muito mais deplorável do que divergentes visões e práticas em relação à ordenança, de qualquer modo preciosa.

H.A.Ironside

Fruitvale, Califórnia, Março 1915

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Enquanto, nas páginas que seguem, há controvérsia tanto quanto possível (consistentemente com o objeto do presente o que creio ser a verdade quanto ao Batismo) laboriosamente evitada, contudo é esperada uma cuidadosa leitura que pode provar ser útil até mesmo para aqueles que têm sido aborrecidos por visões conflitantes. O livreto apresenta as conclusões que fui obrigado a chegar depois de negar totalmente por um número de anos qualquer importância presente aos ataques a essa ordenança, e depois de um cuidadoso estudo do que outros publicaram sobre o assunto, bem

APÊNDICE

Tendo apresentado ao leitor, tão claramente quanto eu o sei, aquilo que a palavra de Deus ensina, tanto quanto estou capacitado para compreendê-la, sobre o batismo, desejo adicionar os testemunhos de vários servos honrados de Cristo, todos os quais estão agora com o Senhor, sobre esse tema muito controvertido. Todos eles foram extraídos de seus livros, cujos títulos são dados em cada caso. O leitor que puder consultar estas obras achará útil lê-las em todo o contexto.

Uma nota de C.H.Mackintosh (C.H.M.)

“Não acuso qualquer um que conscientemente tenha esta ou aquela visão sobre o assunto; mas acuso aqueles, que ao invés de pregar e ensinar a Jesus Cristo estão perturbando a mente do povo de Deus por pressionar sobre eles o batismo infantil. Da minha própria parte – vendo que a questão tem sido por essa razão forçada sobre mim – posso apenas dizer que tenho por trinta e dois anos buscado, em vão, por uma simples linha da Escritura para batizar qualquer crente salvo, ou aqueles que professam crer. Tive raciocínios, inferências, conclusões e deduções; mas da autoridade direta da Escritura nenhum til”. *Extraído de “Things New and Old” (Coisa Novas e Velhas) – Volume 15 página 48.*

Ponto de interesse histórico, de Andrew Miller (A.M.)

“No Novo Testamento há perfeita uniformidade, tanto no preceito como no exemplo sobre o assunto do batismo, mas em nossos próprios dias, e mesmo desde o começo do terceiro século encontramos na igreja infundáveis variações tanto de teoria como de prática sobre esse importante assunto... Irenaeus, bispo de Lion, é o primeiro dos pais que fazem referência ao batismo de criança. Ele morreu pelo ano 200 por isso seus escritos são estabelecidos para o fim do segundo século. Os pais apostólicos nunca o mencionaram”. *Extraído de “Short Papers on Church History” (Pequenos Papéis sobre a História da Igreja), capítulo 13. O capítulo inteiro é muito interessante e esclarecedor.*

nenhum sentido pertencente a Deus, porque é destituído de qualquer garantia da Sua palavra?

Quanto ao assunto diante de nós: Ele tornou claramente conhecido como ordenaria tudo. Ele nos deu, como já mencionado, Seu próprio padrão. Deveria ser nosso o ignorar todas as asneiras dos homens e ir em frente na simples obediência ao padrão, justamente como se o erro nunca tivesse sido feito.

Sim, deixe-me antes errar em uma também literal sujeição à Sua palavra, se isso for possível, do que ir lado a lado com os tradicionalistas que “ensinam doutrinas que são mandamentos de homens” (Mt 15:9). Por essa razão estarei seguro de Sua aprovação naquele dia.

PALAVRA DE DESPEDIDA

E agora, leitor, uma palavra de encerramento. Você está seguro de que é salvo! Se assim for, você “guardou” a palavra do Senhor Jesus, e obedeceu a instrução do Espírito Santo de ser batizado uma vez que você professou a fé em Cristo?

Em Hebreus 8:5 o Espírito chama nossa atenção do cuidado do Senhor para com Sua casa no deserto: “Olha, faça conforme o modelo que no monte se te mostrou”. Isso não deixou nenhum espaço para os pensamentos do homem naquele dia. O padrão de Deus estabeleceu todas as coisas.

A casa das cortinas já passou, mas Deus tem uma habitação (Ef 2:22) na terra agora, igualmente “a casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e esteio da verdade” (1 Tm 3:15). Deve-se pensar por um momento que Ele é menos particular quanto à Sua ordem do que foi com relação à “sombra” no passado?

Qual, então, é o “padrão” agora! Nós não o encontramos em Atos 2:41, 42? “De sorte que [“alegremente” é geralmente omitido pelos editores] foram batizados os que receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas; e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações”. Você, então, recebeu a palavra? Se é assim, foi você batizado? Se não, rogo a você que pondere as palavras do Senhor Jesus: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13:17).

como muito tempo gasto, creio que diante do Senhor, sobre a palavra de Deus.

A apologia para sua publicação, se assim for necessária, pode ser colocada em poucas palavras. Ao empreender, agora por alguns anos, a busca para “fazer a obra de um evangelista”, fui importunado muitas e muitas vezes por um papel que expressa meus pensamentos nessa questão. Não encontrando publicação que parecesse a mim totalmente apropriada (tão poucas de qualquer modo que são completas por fora são excessivamente controversas), tentei dar tanto clara e brevemente quanto possível, o que creio ser o ensinamento escritural sobre ele.

A pergunta quanto ao se o batismo conduz seu sujeito para o Reino do Céu, à Casa de Deus ou ao Corpo de Cristo, realmente não tem sido tocada. Aqui preciso apenas dizer que não creio que ele conduza alguém para nenhum destes três. Para minha mente a importância dele não é a respeito de para o que alguém é levado (e, como outros notaram, a Escritura NUNCA diz que ele conduz alguém a algum lugar), mas nele está claramente expressa a vontade do Senhor Jesus para os Seus discípulos, e portanto deve possuir marcado interesse de outros cristãos que não reconhecem nenhuma ordenança (embora assumam que perdem muito por tal negligência), ainda assim estão no Reino, na Casa e no Corpo. Pelo menos, não conheço nenhuma Escritura que ensine, diretamente ou indiretamente, de outra maneira.

O Batismo certamente está conectado com a esfera da profissão; isso não é contestado, mas insistido; apenas se concorda ser profissão e não inconsciência infantil. A Palavra é simples: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo” (Gl 3:27). Isso só pode ser verdade de cristãos professos, que, neste ato, publicamente se revestiram de Cristo, ou, em outras palavras, O reconheceram como seu Senhor. Não é, propriamente falando, uma ordenança da Igreja, mas uma ordenança do Reino, também admito e ensino, porque, diferente da ceia do Senhor, o batismo tinha um lugar antes da Igreja começar, e terá depois dela ser tomada para o céu; mas se na tribulação os santos entrarão em seu significado como podem os cristãos é muito questionável.

Não sou totalmente ignorante do que consideraram os irmãos, aos quais estou em débito por muito, escreveram sobre “Batismo familiar”, etc., embora me lembre que outros, igualmente dotados e

devotos, diferiram radicalmente deles; assim eu tomaria cuidado de seguir tanto um como o outro a menos de uma base escritural clara para assim fazer. Confesso que enquanto lia os livros dos antigos, suas teorias pareciam muito plausíveis e tinham certo charme para mim, mas quando me voltei de seus escritos para a Palavra de Deus não pude encontrar as teorias. Pareceu a mim que eles tinham lido suas doutrinas na Escritura, não fora dela, mais propriamente como uma interpretação pessoal [eisegesis], do que verdadeira exegese. (Desejo pessoal de investigar a questão do batismo das crianças na família, para avaliar o que pode ser dito da prática, encontrará os argumentos que lideram claramente e graciosamente colocados no “Batismo cristão”, por Waiter Scott: “Que os profetas falem dois ou três, e que os outros julgarem”. O princípio, pelo menos, desse verso é sem dúvida aplicável aqui.)

Peço uma igualmente cuidadosa comparação de minhas afirmações nas páginas que se seguem com o infalível guia, a Palavra da Verdade. “Prove todas as coisas, retenha o que é bom”.

H.A.Ironside

Oakland, Califórnia, Abril 1901

INTRODUÇÃO

Tanto tem sido dito e escrito sobre esse assunto, tão variáveis e conflitantes têm sido as opiniões expressas, tão amplamente divergentes são os significados mesmo aqueles dados por eruditos à mesma palavra batismo, que alguém naturalmente hesita de escrever sobre tal tema. Mas um verso no único Livro que é a autoridade no assunto diz: “Se algum de vós deseja sabedoria, peça a Deus que dá a todos liberalmente e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dado” (Tg 1:5). Com tal palavra como essa diante de nós, quem, realmente anseia conhecer a mente do Senhor em qualquer questão, precisa temer buscar por si mesmo, em humilde dependência Dele de quem é a palavra? Vamos então nos voltar às páginas do abençoado volume o qual sozinho pode completamente suprir “o homem de Deus com todas as boas obras” (2 Tm 3:16-17), e da qual nos é dito: “A exposição das Tuas palavras dá luz; dá entendimento ao simplices” (Sl

ela ainda não sabe nada desta morte; enquanto que um não crente, como tal, certamente não poderia, pois ele ainda está vivendo em seus pecados como se esta morte nunca nem menos tivesse ocorrido. Tivesse ele compreendido sua necessidade da morte de Cristo e descansado nela, ele seria um filho de Deus (Rm 5:8-10). O batismo enquanto ele está em tal condição de alma, é apenas um solene escárnio. Isso poderia simplesmente ser parte das “obras mortas” das quais ele se arrepende, por ser somente da carne e em nenhum sentido da fé. “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11:6).

No caso daquilo que é chamado de “batizado”, a aspersão de uma criança inconsciente, onde está nisso qualquer ato de obediência da parte deles, ou no comportamento destes que levam a cabo a cerimônia? É segura e absolutamente não escritural e muitas vezes desmoralizador; e em sua pior fase, quando ligado ao dogma destruidor da alma da regeneração batismal, nega totalmente a doutrina escritural do novo nascimento pelo receber a palavra de Deus (1 Pe 1:23); considero, que aparte desta doutrina, é um rito sem sentido, e, como todos sabem, emprestado de Roma. Posso eu, então, por causa da escolha dos homens de juntar o nome da Trindade com uma ordenança do próprio legado deles, temer desonrar aquele nome pelo rebatismo como o é considerado? E poderia eu me tornar sectário em assim fazendo? Como assim? Sectarismo, porque insisto na obediência literal às palavras do Senhor Jesus e de Seus apóstolos, e porque ignoro as meras invenções humanas com as quais eles têm ilicitamente ligado esse precioso Nome? Não entendo tal raciocínio.

Há, na segunda parte da pergunta diante de nós, uma implicação que muitas vezes prova um laço de almas. Ela praticamente diz: “Você faz muito da ordem de Deus, pouco do Seu Nome. Em honrando implicitamente Seu modo prescrito, e literalmente guardando Suas palavras, você está em perigo de desonrar Seu Nome”.

É isso defensável por um momento? É isso digno de algum nome melhor do que sofisma? Como posso honrar melhor o nome senão pela rendida obediência ao Único Abençoado de quem o nome é? Ele conectaria Seu nome com aquilo que é contrário à Sua palavra revelada apenas porque o homem o faz?

Quantas outras coisas são feitas declaradamente em e naquele Nome hoje que sabemos serem somente para desonrá-lo, e em

Um irmão que crê diferentemente de mim sobre o batismo pode ter muito mais amor ardente pelo Senhor Jesus do que eu. Juntos podemos gozar de doce comunhão, enquanto respeitamos a consciência um do outro quanto à questão que tem provocado muita discussão na igreja; não preciso eu manter uma menor tenacidade àquilo que creio ser a verdade quanto ao batismo, porque me refreio de julga-lo como andando obstinadamente quando ele não o vê?

O REBATISMO, É ESCRITURAL?

Tendo colocado o que entendo a Escritura ensina acima, considero agora um assunto que tem freqüentemente sido colocado para mim na forma de uma pergunta: “Se alguém foi impropriamente batizado, isto é aspergido, ou, de fato, batizado de qualquer modo, antes de professar a fé em Cristo, deveria ser rebatizado quando confessa a Ele como seu Salvador? Não é o fato de ter sido feito no nome da Trindade o suficiente? Devemos promover mais o modo do que o nome? Não seria isso sectarismo?”

Para estas perguntas, muitas vezes sinceras, alguém pode simplesmente replicar: “Qual é a ordem revelada de Deus?” e sujeite-se a ela. Por causa das almas honestas realmente perturbadas a esse respeito, entretanto, procurarei responde-las mais extensamente.

Quanto à primeira parte da questão, não conheço nada que justifique que um cristão negligencie ser batizado depois de crer. O fato de que tal pergunta possa ser feita somente mostra, em meu julgamento, para quão distante da ordem escritural a igreja foi levada. É a queda do homem, então, que impede minha obediência ao ensinamento literal da Escritura?

Quaisquer rituais ou cerimônias que alguém possa ter passado em seu estado não converso, todos eles então foram mortos e inexpressivos para ele. O argumento do sexto capítulo de Romanos nunca poderia se aplicar a alguém que não seja batizado na morte de Cristo, e isso, uma criança não poderia propriamente ser, porquanto

disciplina? Ou que os batistas não podem andar com os pedo-batistas, em igual pureza de vida, e igual zelo para a glória de Deus? Encontro a regra aqui ‘Ora, ao que é fraco na fé, acolhei-o, mas não para condenar-lhe os escrúpulos’ (Rm 14:1). E, ‘Mas, naquela medida de perfeição a que já chegamos, nela prossigamos’ (Fp 3:16). E assim andando, não como produzindo luz ou verdade, mas respeitando a consciência dos outros, podemos esperar e orar para que sejam cumpridas e nós, como está anteriormente escrito: ‘E, se sentis alguma coisa de modo diverso, Deus também vo-lo revelará’ (verso 15)”. (Do livro: “Baptism: Its Scriptural Place and Use” (Batismo: Seu Lugar e Uso Escritural), de F.W. Grant).

119:130). Uma palavra similar vem nos encorajar, o Salmos 19:7b: “O testemunho do Senhor é fiel, e dá sabedoria aos simplices”.

Posto que somos simplices, então (talvez quanto mais simples, mais fácil de ensinar), precisamos não temer de nos mudar do tempo de cada canal humano para o grande rio da própria instrução divina, e perguntar: “**O que diz a Escritura sobre o Batismo?**” Que ela tem muito a dizer sobre o assunto é evidente. Não pode portanto ser para a glória de Deus ignorá-la. Onde Ele falou precisa que nós reverentemente ouçamos e obedeçamos.

E primeiro, desejaria compelir o leitor à primeira parte do último verso citado, quando ele traz diante de nós o grande assunto da conversão a Deus.

A CONVERSÃO A DEUS

“A lei [doutrina] do Senhor é perfeita, e **CONVERTE A ALMA**” (Sl 19:7a). Alguém que não sabe o que é verdadeiramente se converter a Deus, em outras palavras, alguém que não nasceu de novo (Jo 3:3), não precisa esperar iluminação nas coisas divinas. A Escritura plenamente declara que os tais estão “entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração” (Ef 4:18); e mais uma vez: “Não há quem entenda; não há quem busque a Deus” (Rm 3:11). Veja os primeiros doze versos deste capítulo.

Meu leitor, você já foi verdadeiramente convertido a Deus? Se tal é a sua confissão como ela foi conseguida? Em que você está agora descansando para salvação? Você é neste momento um crente no Senhor Jesus Cristo, ou apenas crê no que o Evangelho diz sobre Ele? Você conhece a alegria do perdão, da justificação de todas as coisas? (At 13:38-39). Pode você verdadeiramente dizer: “Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem obtivemos também nosso acesso pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e gloriemo-nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5:1-2). Se esse conhecimento é estranho a você – até certo ponto sua alma ainda nunca entrou – se essas questões devem todas ser respondidas com negativas, rogo que você considere por um momento sua solene condição na presença de Deus.

Se não salvo, você é por natureza um pecador (Rm 3:19), pela prática um transgressor (Pv 13:15); por natureza um filho da ira (Ef

2:3); pela prática um filho da desobediência (Ef 2:2); por natureza um alienado (Ef 2:12), porque nasceu distante de Deus; pela prática estranho (Cl 1:21) e um inimigo de Deus. Você está perdido por natureza (Mt 18:10-11) por causa de uma raça perdida; perdido também pela prática, por ter deliberadamente se afastado de Deus (Lc 19:10).

Terrível, então, é a sua situação, muito ruim sua condição, e faça o que fizer, você está absolutamente desamparado em você mesmo para se recuperar. O batismo não irá ajuda-lo aqui; ser membro de uma igreja não o beneficiará; participar da comunhão é apenas comer e beber julgamento para si mesmo (1 Co 11:27-29); esforços religiosos são todos em vão. “Aquele que é nascido da carne é carne” (Jo 3:6), e ela nunca se levanta de seu próprio nível. A cultura, é apenas carne desenvolvida; religiosidade, é apenas carne religiosa; nenhuma quantidade de cuidado e cultivo pode muda-la para “espírito”. Exatamente como o que é nascido da carne é carne, “aquele que é nascido do Espírito é espírito”. Deve haver um novo nascimento. Sem isso não há esperança, nem salvação, nem céu; pois “nem carne nem sangue podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção” (1 Co 15:59).

Somente Um pode resolver seu caso, e este Um, o Filho Eterno de Deus, de quem está escrito: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus” (Jo 1:11-13). Aqui está a esperança para você, e somente aqui. Parentesco religioso não assegura a salvação – “não nasceram do sangue”. Boas resoluções e boas intenções professas não beneficiará em nada – “nem da vontade da carne”. As ordenanças, administradas por quem quer que seja, nunca salvará, mas apenas enganará – “nem da vontade do homem”. Somente o Único Santo, que foi tão grosseiramente ofendido e tão rejeitado, pode salvar e fazer nascer de novo – “mas de Deus”.

“O Verbo que se fez carne” (Jo 1:14) disse a um doutor religioso que: “Se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3:5). Isto é, a palavra de Deus, comparada com a

A Escritura nunca notifica que visões similares do batismo são requeridas para ajustar os santos para a comunhão na mesa do Senhor. A regra é dada em 1 Co 10:16,17: “Porventura o cálice de bênção que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos, não é porventura a comunhão do corpo de Cristo? Pois nós, embora muitos, somos um só pão, um só corpo; porque todos participamos de um mesmo pão”. A filiação ao Corpo de Cristo é a única filiação da igreja conhecida no Novo Testamento. Esta é a base da comunhão. Todos os que foram salvos pelo precioso sangue de Cristo, que são habitados pelo Espírito Santo e membros de um corpo, têm lugar na mesa do Senhor a menos que o mal moral ou doutrinal é praticado ou retido por eles, ou tolerados pela associação (1 Co 5:1; Tm 1:19,20; 2 Jo 10,11).

O batizado de cada comungante seria; a ordem de Atos 2:41,42 é clara o suficiente quanto a isso, mas não há nenhuma garantia Escritural para insistir que somente aqueles que vêem e praticam a imersão dos crentes professos devem ser recebidos na mesa do Senhor. Isso seria fazer uma nova comunhão do batismo, como, aliás, tem sido feito, e por essa razão uma comunhão mais limitada do que aquela reconhecida pela palavra de Deus⁸.

⁸ Corajosamente endosso o seguinte, escrito por um amado irmão no Senhor (agora falecido), apesar de alguém que diferia de mim em muito do que redigi neste escrito:

“É uma grande verdade que o Senhor está ensinando a muitos novamente nos dias presentes, depois ter sido enterrado no lixo das tradições eclesiais por séculos, que Deus tem uma igreja sobre a terra. É a nossa parte, então, não estar fazendo igrejas, mas reconhecer o que Ele já fez. As várias ‘igrejas’ ditas no Novo Testamento são apenas respectivamente a ‘igreja de Deus’ em tal e tal lugar. Nada é reconhecido além disso – a igreja de Deus. A filiação é nela, não em grupos locais. ‘Vós sois o corpo de Cristo e membros em particular’. Foi deste modo o corpo abertamente manifestado e reconhecido, para o qual um apóstolo poderia escrever epístolas, e no qual, se um membro sofria, todos os membros sofririam com ele, ou se um membro fosse honrado, todos os membros regozijariam com isso; onde cada um tinha seu lugar e serviço de Deus mesmo, um Espírito o animando, e os olhos não podiam dizer as mãos, não preciso de ti, nem ainda, a cabeça aos pés, não preciso de ti. Para essa filiação o homem não podia deixar entrar, mas somente o Senhor. ‘O Senhor agregava à igreja a cada dia os que eram salvos’. Nossa parte é apenas nos curvas para o que Ele fez, e ‘receber uns aos outros, com Cristo também nos recebeu para a glória de Deus’. Agora todo termo elaborado de admissão está plenamente fora de questão, pois não os admitimos mais. É somente, ‘recebi uns aos outros’, onde qualquer um dentro da igreja (isso é, qualquer crente) tem tanta posição para me receber quanto eu a ele. É verdade que devemos ‘julgar aqueles que estão conosco’ (1 Co 5:12), e se ‘aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal nem sequer comais’ (verso 11). Assim também, se alguém ‘vai além do ensino de Cristo’, a palavra é ‘não o receba em casa, nem tampouco o saudeis, porque quem o saúda participa de suas más obras’ (2 Jo 9-11). Mas isso é somente a manutenção da densa disciplina de Deus, e é completamente outra coisa fazer disso termos de admissão no corpo. Aqui é simplesmente ‘julgar aqueles que estão conosco’, não admiti-los no meio de nós. Estará isso argumentando que o erro quanto ao batismo é uma coisa igualmente sujeita à

(b) Qualquer irmão que ministra a palavra aos não salvos é responsável em providenciar o batismo daqueles que o recebem (Mt 28:19,20).

(c) A ordenação para pregar, ensinar ou administrar as ordenanças é desconhecida na Escritura. Lemos da ordenação para “servir as mesas” (At 6:1-6), e da imposição de mãos no caso de Barnabé e Saulo (que tinham, entretanto, sidos reconhecidos mestres e pregadores por alguns anos previamente) em Atos 13:1-3, como também a ordenação de anciãos para atuarem como supervisores (bispos) onde era simplesmente uma questão de governo local, e não necessariamente de ministério público de jeito nenhum (At 14:23; Tt 1:5-10; 1 Tm 3:2-7). Lemos também, de um dom em Timóteo que foi dado por profecia, com imposição de mãos dos presbíteros (1 Tm 4:14), mas em nenhum lugar, repetimos, lemos da ordenação humana para cumprir ou autorizar um homem a ensinar, pregar, evangelizar, batizar ou administrar a ordenança da ceia do Senhor. (menciono vários livros úteis sobre esse e outros assuntos da igreja: “Lectures on the Church” (Leituras sobre a Igreja) W.Kelly; “God’s Call to His People” (O Chamamento de Deus para Seu Povo) E.S. Lyman).

Muito ao contrário nos é dito que no caso dos dons é o Espírito que reparte a “cada um como quer” (1 Co 12:4-11), provando conclusivamente que mesmo no caso de Timóteo o dom não foi concedido pelo presbítero, mas para a expressão da comunhão deles pela “imposição de mãos” o Espírito de Deus deu o dom mencionado.

Quanto ao administrar as ordenanças, no caso da ceia do Senhor, um ministro que presida é desconhecido na Escritura (ver 1 Co 11:20-29); e temos os casos de Filipe⁷ e Ananias como prova de que nenhuma ordenança especial foi requerida para batizar. O primeiro batizou aqueles que receberam o evangelho em Samaria bem como do Etíope administrador da rainha Candice (At 8:5-13, 36-39); o último, que não parece nem mesmo ter sido um pregador de jeito nenhum, é enviado por Deus para batizar Saulo de Tarso (At 9:10-18).

Devoto umas poucas palavras para uma outra questão que preocupa a muitos, a saber o batismo e a comunhão.

⁷ Escrevo isso me lembrando da ordenação de Filipe para servir as mesas, previamente mencionada. Que, em nenhum sentido, o fez um ministro público. Atos 6 cuidadosamente distingui esse do ministério daqueles pregadores da Palavra.

água¹, de sua purificação eficaz (Ef 5:26) é que o novo nascimento é conseguido (Tg 1:18; 1 Pe 1:23-25). Esta palavra é aplicada pelo Espírito, e o pecador que crê é nascido de novo.

Você, então, creu na palavra de Deus? “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem crê nele não é julgado; mas quem não crê, já está julgado; porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (Jo 3:16-18). “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3:36).

“Crês tu no Filho do homem?” (Jo 9:35).

Se sim, então para você, como um crente, as páginas restantes são endereças.

O BATISMO DE JOÃO PARA O ARREPENDIMENTO

Agora vamos em frente para olhar para o próprio assunto. E primeiro, falaremos do batismo de João para o arrependimento.

Esse batismo é bastante diferente do batismo cristão (At 19:1-7). Através dele os judeus expressavam arrependimento e sua necessidade de perdão. Ele não poderia falar às pessoas da morte de Cristo, sem dúvida, na mente de Deus, isso era o que estava demonstrado, isto é, o fato de que nada além da cruz era devido ao pecador, e que o Senhor Jesus foi morto no lugar do culpado. Seu

¹ Estou ciente de que muitos têm imaginado que o Senhor aqui estava se referindo ao batismo. Que esse de modo nenhum era o caso penso que a seguinte nota, da pena de um servo honrado de Cristo, resultará claro a qualquer um que cuidadosamente pesa os fatos apontados:

“O BATISMO CRISTÃO – Não é este ritual pretendido aqui pela água? Vamos esclarecer esse ponto. 1º: O batismo cristão não foi instituído até depois da ressurreição do Senhor; e significava sepultamento com Ele na morte (Rm 6:4; Cl 2:12). Obviamente que não poderia ter significado e nem efeito até que o Senhor tivesse morrido. Ora, o Senhor estava falando da vida através do nascimento, e de uma bênção para ele gozar DEPOIS, não do sepultamento na morte. 2º: Antes de Sua morte o reino de Deus era pregado, e os homens eram pressionados a ele (Lc 16:16). 3º: Os apóstolos foram esclarecidos pelo Senhor antes de Sua morte, através da palavra que falou a eles: “Vós estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15:3), e por isso antes da instituição do batismo, do qual os doze e outros não tinham necessidade, e ao qual eles nunca se submeteram. O Senhor falou a Nicodemos de uma obra vital na sujeira, e não de um rito sacramental para o qual a pessoa é agora sujeitada. Sobre a alma, e não sobre o corpo, estamos ensinando aqui”. C.E. Stuart em “Traços do Evangelho de João”.

Posso adicionar que a forma com que o Senhor fala da “água que te darei”, em João 4:14, é, para meu entendimento, prova conclusiva de que nem no terceiro nem no quarto capítulo Ele se refere a uma ordenança, mas a um “poço de água jorrando para a vida eterna”.

próprio batismo era a garantia disso, mas falarei disso mais tarde. Para os judeus era o reconhecimento de que a alguém batizado merecia nada além da morte e julgamento. Ele expressava autojulgamento, e por isso era chamado de um “batismo para o arrependimento”.

Que o modo de administra-lo era o mesmo daquele do batismo cristão, entretanto, suponho que ninguém colocaria em questão, pois, embora leiamos da mudança de formula e objeto, não temos nenhum registro de uma mudança no modo. É evidente que os apóstolos, alguns dos quais começaram a batizar pouco depois de terem se associado com o Senhor, simplesmente prosseguiram na prática do mesmo significado no batismo que seus primeiros mestres os acostumaram, já que alguns deles foram seguidores do Batista antes de seus corações serem dirigidos ao “Cordeiro de Deus” (Jo 1:35-40) – e possivelmente todos, como Atos 1:21-22 parece ensinar. Eles certamente não aprenderam de Cristo nenhum novo significado do administra-lo². Ver João 3:22,26; 4:1,2.

De João, então, vemos que ele veio “pregando no deserto da Judéia e dizendo: ‘Arrependei-vos porque o reino dos céus está próximo’” (Mat 3:1-2). O resultado está registrado nos versos 5 e 6: “Então iam ter com ele os de Jerusalém, de toda a Judéia, e de toda a circunvizinhança do Jordão, e eram por ele batizados *no* rio Jordão, confessando os seus pecados”.

Marcos similarmente testifica (cap. 1:4-5): “Assim apareceu João, o Batista, no deserto, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados. E saíram a ter com ele toda a terra da Judéia, e todos os moradores de Jerusalém; e eram por ele batizados *no* rio Jordão, confessando os seus pecados”.

Se a insignificante palavra “*no*”, encontrada em ambas passagens, não for conclusiva como o modo de seu batismo sendo por imersão; se alguém puder tolerar a admirável concepção de João ao trazer o candidato para dentro d’água, então derramar ou aspergir

² Um ponto interessante em conexão com a prática dos discípulos foi sugerido a mim por um irmão enquanto escrevia o acima. Quando as mães trouxeram as crianças pequenas a Jesus, os discípulos as afastaram Dele. Poderiam ter agido assim se eles ou João alguma vez tivessem praticado o batismo infantil? Jesus, por outro lado, os recebeu e os abençoou, NÃO OS BATIZOU, como os pais cristãos hoje podem descansar seguros que Ele o faz. A respeito disso não disse, como o escritor sobre o batismo familiar, alguns anos depois, que os pais que traziam as crianças não batizadas a Ele em rogo por benção, estavam apenas trazendo a oferta de Caim! Cristo declarou que “dos tais é o reino dos céus”. O batismo não é necessário para coloca-los nele. Eles já são dele, é o simples, alguém como criança que é reconhecido como um verdadeiro súdito do Reino.

sentido podia tal ser dito para ser batizado na morte? Se isso parece que é uma questão de voluntariamente tomar o lugar daqueles que tinham adormecido tudo é claro.

Pelos seus próprios batismos se colocavam em perigo do ódio daqueles contrários a eles em relação ao evangelho. O que eles pensaram ganhar por isso se criam que não havia ressurreição! Porque então se colocarem em um lugar, por se submeterem ao batismo, onde suas vidas (que eles deviam certamente estimar e desejar gozar tanto quanto pudessem) seriam semelhantemente logo perdidas, quando não tinham legitimada esperança das bênçãos depois da morte? Estariam apenas preenchendo as brechas já feitas pela morte – eram apenas batizados por aqueles que tinham perecido, se o sistema deles fosse verdadeiro, e iriam semelhantemente compartilhar seus destinos.

Seguramente no estado das coisas então prevalecente nada mais poderia ser dito. Quando por ele mesmo e aqueles com ele, pergunta: “Por que estamos nós também a toda hora em perigo?” (verso 30). Uma coisa tola essa, que ele que poderia ter o favor do mundo devesse ter sua inimidade, colocar-se onde fosse diariamente sujeito à morte, se esta vida era tudo. Que vantagem em contender com as “bestas” em Éfeso, por exemplo (veja Atos 19:23-41), por uma mera especulação, se os mortos não ressuscitam! Não foi o poeta pagão Menander (que afogou a si mesmo) o mais sábio entre eles que disse: “Vamos beber e comer, pois amanhã morreremos?” Ele era pelo menos consistente.

Tudo é simples aqui, nenhuma prática supersticiosa de batizar pessoas vivas em benefício das mortas é sugerido. É apenas uma figura militar – eles estavam enchendo as filas, tomando os lugares vagos por aqueles que já tinham “adormecidos em Cristo”.

QUEM TEM AUTORIDADE PARA BATIZAR?

O assunto da autoridade é algo que preocupa muitos, e algo que certos grupos religiosos faz muita questão. Quanto a isso submeto o seguinte:

(a) Qualquer irmão que possui a habilidade de pregar ou ensinar está sob a responsabilidade do Cabeça do Corpo (Cl 1:18) para usar do dom conferido a ele pelo Espírito (1 Pe 4:10,11; Rm 12:4-8).

O BATISMO PARA A MORTE

Os crentes coríntios caíram no erro dos saduceus (At 23:8) de negar a ressurreição dos mortos. Em refutação a isso ele primeiro os lembra que a ressurreição do Senhor Jesus era uma verdade fundamental do evangelho (1 Co 15:1-4); então pergunta: “Ora, se prega que Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, como dizem alguns entre vós que não há ressurreição de mortos?” adicionando: “Mas se não há ressurreição de mortos, também Cristo não foi ressuscitado. E, se Cristo não foi ressuscitado, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus que ele ressuscitou a Cristo, ao qual, porém, não ressuscitou, se, na verdade, os mortos não são ressuscitados” (versos 12-17). Tudo para o crente depende do glorioso fato de que Ele “Que curvou Sua cabeça tão abaixo, abaixo da nossa carga de aflição”, não poderia ser retido pela morte. Foi a ressurreição que expressou a perfeita satisfação de Deus na obra de Seu Filho, e declarou que os pecados se foram para sempre. Eles foram colocados sobre Ele (Is 53:6) quando Ele foi pendurado no madeiro (1 Pe 2:24). Não há nenhum Nele agora. O crente descansa nisso e tem paz perfeita.

Como, então, poderiam os coríntios colocar em questão a ressurreição dos santos quando começaram com a ressurreição do Salvador?

Além disso ele acrescenta que se não há ressurreição “os que dormiram em Cristo estão perdidos” (verso 18).

Quão inconsistentes eram. Os mais miseráveis se não tivessem esperança além dessa vida (verso 19), e ainda estavam tomando os lugares pelo batismo daqueles que tinham “perecido” antes deles – se não houvesse ressurreição da morte. Deve-se notar que os versos 20-28 são distintamente parentéticos. O argumento continua no verso 29: “De outra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que então se batizam por eles?”

Se estes que os precederam apenas pereceram porque foram eles pelo batismo publicamente colocados em Cristo e por isso expuseram-se à vergonha e reprovação nesta vida, com nenhuma perspectiva mais brilhante para o futuro? Quão irracional apelo se muitos deles, ou todos, tivesse sido batizado quando crianças! Em que

sobre sua cabeça enquanto ele fica de pé ali com água até a cintura, uma passagem do evangelho de João pareceria eficazmente dispersar tal ilustração para aqueles que têm ouvidos para ouvir. “Ora, João também estava batizando em Enom, perto de Salim, porque havia ali *muitas águas*; e o povo ia e se batizava” (Jo 3:23). “*Muitas águas*” é a causa de se escolher um certo lugar para batizar, certamente então ele não poderia ser nem por derramamento nem por aspensão.

A isso, o modo escritural de batismo (abundantemente confirmado por outras passagens, ver At 8:38-39; Rm 6:3-5; Cl 2:12) nosso Senhor mesmo concorda, pois Dele é expressamente dito que Ele “foi batizado por João no Jordão” (Mc 1:9), e “logo saiu da água” (Mt 3:16), o que não poderia ser verdade se Ele não entrasse no místico rio que falava do que Ele ainda deveria suportar por aqueles sob sentença de morte, além disso com julgamento eterno.

O BATISMO DE JESUS

O batismo de Jesus não foi, entretanto, como um exemplo para nós, apesar de Sua palavra: “Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3:15), certamente nos faria lembrar daquela obediência que viria a todo aquele que professasse conhecer o Pai, a que Ele revelava. Mas isso, como observamos, era um “batismo de arrependimento para a remissão dos pecados” (Lc 3:3), embora Ele fosse “o Santo de Deus”, como os demônios confessavam (Mc 1:24) e Gabriel também testificou (Lc 1:35).

Que admirável, então, que João pudesse “se opor a Ele” (Mt 3:14), sabendo ser Ele o Filho de Deus (Jo 1:29-34); embora estranhamente preocupado em uma ocasião mais tarde (Mt 11:2) quando a busca por poder pareceu não ser manifestada? Tudo, entretanto, foi em perfeita preservação com o tempo, como o “deixe por agora” (Mt 3:16) sugere. Aquele que, como um bebê, foi circuncidado no oitavo dia de acordo com a lei, poderia agora, em sujeição à Palavra dada por João, colocar a Si mesmo em companhia da parte arrependida da nação. Como o Pastor das ovelhas, Ele entrou para o aprisco³ pela porta da submissão aos ritos da lei e o testemunho divino do tempo. Para Ele João, como o porteiro, abriu e

³ O judaísmo como pertencente a Deus, e somente da porção batizada dele poderia ser dito isso; a nação era Lo-Ami (Os 1:9), isto é, “Não é Meu povo”.

Ele entrou, mas apenas para guiar para fora Suas próprias ovelhas, as quais Ele chamou pelo nome. Isso não poderia ser ensinado, até que como o Pastor de Deus (Jo 10) entregasse Sua vida pelas ovelhas. Outras ovelhas que não eram do aprisco judeu, portanto gentios. Estes Ele traria, e disse: “E haverá um rebanho [não aprisco⁴, todas as Suas ovelhas estão fora dele agora] e um Pastor” (Jo 10:6). O ministério de João era distintamente separativo. A condição moral do povo quando ele apareceu no deserto é graficamente retratado no livro de Malaquias; note ali as nove controvérsias de Deus com eles (Ml 1:2,6,7,12; 2:13-16-17; 3:7,8,13-15). Contudo vemos um remanescente distinto da massa no capítulo 3:16-18. Tal companhia é notada nos primeiros capítulos de Lucas; Simeão, Ana, sem dúvida a própria Maria, Zacarias e Elisabete, e todo aquele que “busca por redenção em Jerusalém”.

Aqueles batizados por João tomam exteriormente este lugar remanescente. Pelo Seu próprio batismo o Senhor se identifica com eles, e da mesma forma coloca Seu selo sobre o ministério de Seu precursor. A parte arrependida da nação possuía pelo batismo que observaram para morrerem como transgressores da lei divina. O Senhor Jesus tomou Seu lugar com eles no batismo como o penhor de que Ele estava pronto para soçobrar na morte por eles. Como alguém maravilhosamente o ilustrou, eles eram como os homens que tinham dado uma nota por um débito que não poderiam nunca pagar; Ele em Seu batismo endossou a nota deles e ofereceu a Si mesmo para pagar até a última moeda. Sem pecado, Ele não precisava se arrepender, mas foi para “cumprir toda a justiça” por render-se à maldição da lei por aqueles que pecaram. Por essa razão foi Seu prazer tomar Seu lugar com estes que não buscavam se esconder, mas confessavam sua culpa e seu abandono. No passado Seu Espírito no salmista declarou: “Tu és o meu Senhor; além de ti não tenho outro bem. Quanto aos santos que estão na terra, eles são os ilustres nos quais está todo o meu prazer” (Sl 16:2-3). Não foi Seu batismo apenas a reiteração disso? Os “ilustres da terra” eram, aos Seus olhos, não os orgulhosos, os fariseus justos por si mesmos, mas os humildes seguidores do Imergido – pessoas comuns e publicamos; talvez fosse a maioria deles; mas eles justificavam Deus e condenavam a si mesmos, e aguardavam esperançosamente a vinda do reino.

⁴ É bem conhecido que a palavra traduzida “aprisco” na parte final do verso 16 é bem distinta da palavra na parte inicial. Uma seria “rebanho”, e a outra “aprisco”.

16:1-3), o filho de um pai cristão é limpo, exteriormente santo, por causa da fé dos pais. Ser nascido em uma família cristã não é ser nascido em um lugar de privilégio, os limites dos quais estão em um sentido definido pelo batismo, muito menos o é a porta de entrada.

Israel batizado em Moisés na nuvem e no mar (1 Co 10) em nenhum sentido garante o batismo dos filhos, meramente porque passaram pelo mar com seus pais. Aquele foi o batismo nacional. O batismo cristão é individual.

O fato de que, em Efésios 1:4-6, três círculos são aparentemente mencionados, compreendendo, como muitos ensinam, e, tanto quanto posso julgar, corretamente - a igreja, a esfera da profissão, e a criação - não garante a ninguém colocar pessoas na esfera da profissão até que tenham algo para professar. Simão o mágico foi a primeira pessoa que, sabemos, foi batizada enquanto não convertido; e tal erro deve sempre igualmente ocorrer, como o que batiza não pode ler o coração, mas é bastante mal batizar pessoas ignorantemente de que estão naquela condição; terrível, parece para mim, faz-lo conscientemente.

Como Deus o faria a igreja deveria incluir a esfera inteira dos professos. É o homem quem constrói em madeira, palha e feno (1 Co 3). A ordem divina é sempre aquela de Atos 18 acima mencionada, “ouvir, crer e ser batizado”.

Esta passagem poderia claramente provar que o apóstolo não quis desprezar o batismo quando, em 1 Coríntios 1:17, disse: “Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o evangelho”. Embora isso fosse um tanto para guardar sua comissão (At 26:16-18), ainda assim ele evidentemente teve cuidado de ver que seus convertidos fossem batizados, embora não fosse sempre ele mesmo que o fizesse.

Suas razões por ser agradecido de que, em Corinto, tinha batizado poucos são dadas nos versos 10-17, mas duas vezes fundamenta o apelo a estes coríntios sinceros no fato de terem sido batizados como crentes professos. Neste capítulo, quando a comunhão está em questão e eles estavam estabelecendo outras cabeças além de Cristo; ele pergunta “Está Cristo dividido! Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo?” (verso 13).

O único nome no qual um crente deveria se reunir é no precioso Nome no qual ele foi batizado.

No capítulo 15, onde a ressurreição está em questão, quão forte ele tornou um ponto quando fala do batismo para a morte.

casa.”. E o verso 32 plenamente diz: “Então lhe pregaram a palavra de Deus, e a todos os que estavam em sua casa”. Todos foram capazes de ouvir a palavra, e todos creram.

Não é de admirar que ele e todos os seus foram batizados imediatamente! Quanto alguém se alegraria ao testemunhar o batismo de muitos da família!

Outra família que resta ser mencionada é a de Estéfnas, a qual Paulo menciona como tendo sido batizada, em 1 Coríntios 1:16, e a qual ele não se esquece de registrar “que se tem dedicado ao ministério dos santos”, no capítulo 16:15. Muitos têm se preocupado com o fato de que há uma pouca diferença nas palavras gregas traduzidas para “família” no primeiro capítulo e “casa” no último. A primeira palavra é dita por alguns se referir exclusivamente à família, enquanto que a última inclui os servos, embora não exclua a primeira. Isso não afeta a posição tomada aqui em um grau mais baixo, pois nenhuma criança é mencionada como estando na família de Estéfnas, e não ousamos adicioná-las às palavras de Deus (Pv 30:6). As palavras de Paulo no capítulo 1:14-16: “Dou graças a Deus que a nenhum de vós batizei, senão a Crispo e a Gaio... batizei também a família de Estéfnas” não ensina, como alguns teriam ensinado, que os mencionados por último eram crianças quando batizados, mas simplesmente que eles não estavam localmente conectados a Corinto todo tempo. Eles eram “as primícias da Acaia”, a província na qual Corinto estava localizada, mas não necessariamente um local depois deles mesmos se inclinarem ao ministério dos santos. Não há a mínima sugestão de que nenhum outro além do batismo de crentes professos foi praticado no caso deles, enquanto, como se para encerrar a evidência e advertência a todos os opositores, em Atos 18:8 somos informados que “Crispo, principal da sinagoga, creu no Senhor com toda sua casa; e muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados”. Sem dúvida a família de Estéfnas poderia ser contada entre estes.

Que os filhos dos crentes já estão em uma esfera de benção e não introduzidas nela pelo batismo é claro em 1 Coríntios 7:14: “Porque o marido incrédulo é santificado pela mulher, e a mulher incrédula é santificada pelo marido crente; de outro modo, os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos”. Isto é, embora os filhos das famílias que eram a mistura de judeu e gentio eram impuros até serem circuncidados (ver a ação de Paulo com relação a Timóteo, Atos

O Rei esperado, ungido como tal através do descer do Espírito (Mt 3:16,17; Jo 1:32-34), associa a Si mesmo com esta companhia separada – embora Seu batismo no Jordão fosse apenas uma sombra da muito mais solene imersão (Lc 12:50) que Ele ainda devia se submeter, pois Ele deve confessar como Dele os pecados, não somente desta remanescente companhia, mas de todos que serão salvos através do seu poderoso sacrifício. Seu batismo é o penhor disso, como também a notificação de que o caminho para Sua glória é pela cruz. Os profetas antigos testemunharam como este Cristo devia “sofrer estas coisas, e entrar na Sua glória” (Lc 24:26), e Pedro nos diz que eles falavam do “sofrimento de Cristo e da glória que seguiria” (1 Pe 1:11).

É manifesto, então, que não é meramente como um exemplo para nós que Jesus foi batizado. Seu batismo foi totalmente de natureza diferente daquele que Ele instituiu depois de Sua ressurreição, e para um propósito completamente diferente. Alguém disse bem: “Ele foi batizado para Se identificar com um remanescente rejeitado. Nós, através do batismo, somos identificados com o Cristo rejeitado”. O testemunho de João foi apenas preparatório. Depois do nascimento do cristianismo descobrimos que aquelas pessoas batizadas com seu batismo foram re-imersas quando a verdade completa da morte e ressurreição do Senhor Jesus foi declarada (At 19:1-5). Não temos nenhum registro, entretanto, do re-batismo daqueles que se submeteram à ordenança de João anterior à cruz. A associação deles com Cristo já os tinha identificado com Ele, e os doze e outros, mesmo não batizados a menos do “para arrependimento”, começaram a obra da nova dispensação pelo batismo de três mil no dia de Pentecostes. É, então, do terrível batismo da ira na cruz que nosso Senhor Jesus enfrentou como nosso Substituto que, em seu sentido mais pleno, o batismo cristão fala.

O BATISMO DA IRA NA CRUZ

Os Salmos proféticos nos dizem, não de forma incerta, disso. Quem pode conceber a profundidade de tais passagens como as que se seguem:

“Um abismo chama outro abismo ao ruído das Tuas catadupas; todas as Tuas ondas e vagas têm passado sobre mim” (Sl 42:7). No verso precedente, comovedora e adequadamente de fato, o Santo Sofredor exclama: “Me lembrarei de Ti desde a terra do Jordão!”

Esse, verdadeiramente, foi o entrar da arca antitipo nas correntes do Jordão no tempo da colheita quando “transbordava todas as suas ribanceiras” (Js 3:14-16). Na cruz, o justo abandono dos pecadores foi imposto a Ele, “Ele levou nossos pecados em Seu próprio corpo no madeiro”. Inundações, não de água, então passaram sobre Sua alma sem mancha naquelas três terríveis horas de trevas nas quais a face de Deus foi escondida do Santo Sofredor; vagalhões de julgamento e ira quando Deus “fez pecado por nós aquele que não conhecia o pecado para que nós pudéssemos ser feitos os justos de Deus Nele” (2 Co5:21). Ele poderia muito bem dizer: “Atolei-me em profundo lamaçal, onde não se pode firmar o pé; entrei na profundidade das águas, onde a corrente me submerge” (Sl 69:2). Solene, também, é ouvir Seu grito nos versos 14 e 15 do mesmo Salmo: “Tira-me do lamaçal, e não me deixes afundar; seja eu salvo dos meus inimigos, e das profundezas das águas. Não me submirja a corrente das águas e não me trague o abismo, nem cerre a cova a sua boca sobre mim”. Aqui Ele tinha em vista, não apenas o julgamento de Deus justamente imposto a Ele como o substituto dos pecadores, mas também o cruel batismo da afronta e ódio, que os homens que Ele de bom grado salvaria fizeram passar sobre Sua devotada cabeça. Outro Salmo, o 88, tem novamente mais particularmente em vista a maldição da lei quebrada, assim que Ele pode exclamar: “Puseste-me na cova mais profunda, em lugares escuros, nas profundezas. Sobre mim pesa a tua cólera; tu me esmagaste com todas as tuas ondas” (versos 6 e 7). Como o “Sela” no final apela ao crente! Oh, minha alma, me detenho de fato, e “considero” com quão grande preço tu fostes redimida e de quão grande morte tu tens sido salva!

As citações acima nos dão alguma fraca idéia do que Jesus tencionava quando disse: “Há um batismo em que hei de ser batizado; e como me angustio até que venha a cumprir-se!” (Lc 12:50). Em um sentido limitado os Seus discípulos poderiam compartilhar esse batismo com Ele (Mt 20:23). Aquele que veio somente do homem, (mas não de Deus) eles também puderam se submeter, como no caso de Tiago (At 12:2) e de João (Ap 1:9) que disseram, embora não sabendo nada o que estava envolvido nele naquele momento, “Podemos” (Mt 20:22).

Essa é a grande e solene verdade que acima de todo o demais o batismo nos retrata, como podemos ver no testemunho tanto de Romanos como de Colossenses. Poderia qualquer coisa além de

De Colossos também vemos que elas são pessoas que foram circuncidadas pela circuncisão de Cristo e submetidas à “operante fé de Deus” (Cl 2:12).

Pedro, também, pressupõe que eles tinham a demanda de uma boa consciência, pela fé tinham compreendido Cristo como ressurreto para aceitação deles. Se, então, a Escritura fala da família ser batizada, e não há uma alusão de um dos membros serem ainda “filho da ira”, devo eu tomá-lo para garantir que eles também sejam declaradamente cristãos?

No caso da família de Cornélio, o primeiro em relação ao tempo, portanto o completo precedente para todo o resto, não somos deixados em dúvida quanto a isso, quando Atos 10:44 claramente coloca que “enquanto Pedro ainda dizia estas coisas, desceu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra.”, e no verso 47 o apóstolo pergunta: “Pode alguém porventura recusar a água para que não sejam batizados estes que também, como nós, receberam o Espírito Santo?” “Mandou, pois, que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então lhe rogaram que ficasse com eles por alguns dias” (verso 48). Como para a família de Lídia, no capítulo 16, se a fé do cabeça é só mencionada, porque duvidar da dos outros membros quando a ordem de Deus já havia sido declarada? Para a sanção do batismo das crianças, ou adultos não convertidos membros de uma família pelo apelo a esta passagem alguém deve primeiro provar que Lídia era uma mulher casada; segundo, que ela era mãe; terceiro, que suas crianças não criam; e quarto, que uma nova mas não registrada revelação foi dada a Paulo, ordenando o batismo de todos quando o cabeça da casa reconhecesse Cristo nessa solene ordenança.

É notável que no verso 40 nos é dito que Paulo e Silas “saíram da prisão, entraram em casa de Lídia, e, vendo os irmãos [não crianças], os confortaram, e partiram”. É certamente bem razoável tanto supor que estes irmãos anônimos compunham a família da “vendedora de púrpura” quanto que ela tinha crianças pequenas com ela naquele tempo!

Quanto ao caso da prisão, alguns pensariam em alterar a tradução para fazê-la conduzir ao pensamento de que toda a família se alegrou, ainda que somente ele creu(!), muitos homens doutos concordam que o verso 34 como é colocado, dá uma satisfatória equivalência ao texto original: “Então os fez subir para sua casa, pôs-lhes a mesa e alegrou-se muito, crendo em Deus com toda a sua

Cornélio e sua companhia foi subseqüentemente batizado (At 10:43-48).

Eu não julgaria que alguém pudesse pregar o batismo para remissão dos pecados, salvo em um sentido muito mais geral depois da dispersão da nação e da demolição do templo (Mt 24:2). Isso nunca é mencionado em nenhuma das epístolas. Ela era a mensagem de Deus para aquele tempo, que breve passaria, deixando a massa do povo de Israel endurecida e impenitente. Uma palavra, creio, que trata sobre isso é encontrada em Gálata 2:7, onde Paulo diz: “O evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão”. Veja também os versos 8 e 9. Certamente, como acima notificado, em um sentido geral, mesmo entre os gentios e através das dispensações os pecados de alguém poderiam ser dito estarem cancelado pelo batismo – não diante de Deus, mas diante da igreja (Jo 20:22,23). Isto é, os pecados passados não são mais mantidos contra a pessoa batizada pelo corpo público de crentes. Isso não pode, entretanto, ser imposto ao extremo.

Vamos agora inquirir quanto ao que Deus disse concernente ao batismo dos familiares.

O BATISMO DOS FAMILIARES

Se o que redigi no precedente é a mente do Senhor como revelada na Escritura, não vejo qualquer dificuldade com isso.

O batismo, vimos, é na morte de Cristo, aqueles que são batizados são “homens e mulheres” (At 8:12) que declaradamente se beneficiaram daquela maravilhosa provisão para salvação, que, é tomada por garantia, são ressuscitados com Cristo, capazes de serem interessados em tais palavras como “Não sabeis”; portanto de nenhuma forma crianças ou pessoas incapacitadas de entenderem as verdades do evangelho.

Se “muitos de nós” fomos batizados, os mesmos “muitos” são presumidos “andarem em novidade de vida”. Pessoas incapacitadas para andarem assim nunca são contempladas como tendo sido batizadas de modo algum, nem aqui ou em nenhum outro lugar no Livro. Se fosse assim, seria fácil apontar para elas, mas não existem tais casos mencionados.

imersão, uma completa submersão, figurar tal cena como aquela que demos uma olhada nas escrituras acima? E quão inexprimivelmente precioso o privilégio de ser por essa razão batizado em Sua morte!

Vamos em seguida nos voltar para considerar o lugar do batismo nas comissões.

O BATISMO NAS COMISSÕES

É depois de ter passado por toda a agonia da cruz que o Ressurreto Senhor dá as comissões como narradas nos capítulos de fechamento dos evangelhos sinóticos. Lucas não menciona absolutamente nada do batismo. Ele está ocupado com o evangelho. O batismo não é uma parte dele, como 1 Coríntios 15:1-4 traz abundante testemunho, também em 1 Coríntios 1:17. o evangelho é concernente ao Filho de Deus (Rm1:1-4), e não concernente às ordenanças, não obstante abençoadas, ou às obras, não obstante apropriadas para o homem já justificado pela fé e objeto da graça (Tt 2:11-14).

Devemos olhar, então, para as comissões registradas em Mateus e Marcos. No capítulo 28:18-20 do primeiro, lemos: “E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém”.

A idéia de batizar nações, como tal, não vemos garantia aqui a menos que precedido por arrependimento nacional. A todas as nações deve ser ensinado o evangelho. Se de fato as nações como todo se tornam discípulos, então batiza-los está no lugar, mas isso, embora realmente possa ser, será em um dia futuro (Zc 14:16). No presente pelo menos, é, em meu julgamento, para indivíduos que a comissão se aplica.

Marcantemente suficiente, nem aqui nem ainda em Marcos 16 do crente ou discípulo é dito para ser batizado, pois foi aos Seus servos que a palavra foi dirigida pelo Senhor. Conseqüentemente o mandamento é mais para o pregador imergir o discípulo; mas poderia algum amante real do Senhor pleitear isso como uma desculpa para se evadir da responsabilidade nesse assunto, colocando-o totalmente

sobre os ombros do servo, e sendo ele mesmo descuidado quanto ao se o padrão divino tinha sido executado! As palavras: “Ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado”, não nos mostram a importância do recipiente do evangelho ver por si mesmo que a palavra de Deus é executada?

Seguramente o coração que palpita lealdade ao seu ausente Senhor lembra Sua fala: “Se alguém Me amar guardará Minhas palavras” (Jo 14:23), como também outra passagem: “Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos” (verso 15).

E se essas considerações não são suficientes, não é a mensagem de Pedro em Atos 2:38 imperativa para isso? “Arrependam-se e seja batizado cada um de vós”, etc. Aqui é mandado e pelo Espírito Santo. Por isso, na casa de Cornélio, “Ele mandou que eles fossem batizados no nome do Senhor” (At 10:48). O batismo, portanto, se não diretamente mandado pelo Senhor em pessoa, é pelo Espírito nos apóstolos, e é seguramente uma das “palavras” de Cristo que aquele que O ama “guardará”. Como por preceito, é “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. Sendo, como é, “o batismo na morte”, é conveniente que seja no nome da Trindade, pois quão harmoniosamente o Pai, o Filho e o Espírito participam na oferta do Filho do Homem na cruz! Foi Deus, como Pai, que não O reteve, mas O deu por amor do mundo (Jo 3:16); enquanto Ele, o Filho, foi o sofredor voluntário (Jo 10:17,18); e ainda foi “através do Espírito eterno que Se ofereceu sem mancha a Deus” (Hb 9:14). Nem “batizar no nome de Jesus Cristo” (At 19:5) nem a passagem familiar citada acima de Atos 10 coloca isso de lado. Simplesmente não guardam essas escrituras diante de nós em cuja autoridade ele foi feito, o princípio criado especialmente o contraste entre o batismo de João e aquele do Senhor Jesus? Não parecia ser o preceito o que estaria em vista de jeito nenhum. Eu o aceito que um preceito escritural completo seria: “No nome do Senhor Jesus Cristo, eu o batizo no nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo”.

Em Marcos 16:15,16, o batismo está diretamente conectado com o crente, e de tal forma a fazê-lo o selo público da fé, como, em certo sentido, “confissão com a boca” está em Romanos 10:9,10.

Aqui lemos, “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”. Significativamente, não lemos “Aquele que não é batizado será condenado”. A justificação diante de Deus é pela fé,

decreto de Deus permanecerá. Como, então, eles poderiam “beijar o Filho” e evitar Sua ira.

A nação como tal tinha perdido o favor de Deus, e com isso o derramamento do Espírito prometido através de Joel (versos 17-21). O que poderiam fazer para obtê-lo novamente?

A resposta é simples. Deixe que estes que confessam a culpa deles mesmos e da nação, sejam batizados no nome Daquele rejeitado e crucificado. Isso seria manifestamente romper o elo que os ligava ao povo apostata. Eles estariam então fora da esfera na qual a ira governamental deveria cair. Administrativamente seus pecados seriam cancelados. Eles não compartilhariam do julgamento que tão breve viria sobre a Judá que rejeitou o Messias (Luc 21:16-24).

O perdão governamental ou administrativo se refere a terra, não ao céu. Falamos do tratamento de Deus ao castigar o povo aqui como Sua vontade governamental. Tal tratamento seria revertido pelo batismo, que era em si mesmo a confissão de arrependimento sincero. Era a remissão dessa natureza à qual o Senhor se referiu quando disse: “Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos” (Jo 20:23). Esse poder Pedro estava exercendo quando ofereceu remissão dos pecados a todos que se submetessem, sob arrependimento, ao batismo. Exatamente para se guardar disso descobriremos que aos gentios nunca foi dito que fossem batizados para a remissão dos pecados. Para Paulo, um judeu, Ananias transmitiu uma mensagem similar (At 22:16). O antigo “perseguidor do caminho” (verso 4) deve ser batizado, apelando para o nome de Jesus, e seus pecados seriam perdoados. Como parte da nação deve compartilhar o destino dela. Como batizado para fora dela para o terreno cristão, seus pecados seriam governamentalmente levados pela água. Isso certamente, não toca na questão de como ele foi eternamente salvo. Sua própria mensagem a outros é essa: “Seja-vos pois notório, varões, que por este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de todas as coisas de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés, por ele é justificado todo o que crê” (At 13:38,39).

Para Cornélio, Pedro levou uma mensagem semelhante, assegurando a ele que: “A ele todos os profetas dão testemunho de que todo o que nele crê receberá a remissão dos pecados pelo seu nome.” Isso é perdão eterno diante de Deus, e ao recebe-lo pela fé,

pode dizer: “Sua morte foi a minha”. Não é ao batismo que alguma eficácia se prende, isso poderia apenas tirar a sujeira exterior. Não há aqui a mais desprezível justificação para o dogma ritualístico da regeneração batismal. A única coisa que dá a resposta pela qual uma boa consciência demanda, é a ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo da morte. Isso compreendido, o batismo é cheio de significado. “O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação” (Rm 4:25).

Conectada juntamente com a escritura da epístola de Pedro está a questão do batismo para a remissão dos pecados.

O BATISMO PARA A REMISSÃO DOS PECADOS

Se o leitor abrir o livro de Atos, capítulo 2, observará que os principais pontos da mensagem de Pedro no dia de Pentecostes são estes: Deus tinha prometido levantar alguém da semente de Davi para se assentar em seu trono (verso 30), mas antes que Ele fosse manifestado em Sua glória teria que passar pela morte, e na ressurreição Jeová daria a Ele um lugar como Homem sobre Seu trono, ali se sentaria até que Seus inimigos fossem colocados por escabelo de Seus pés (versos 25-34).

A maior parte disso já tinha sido cumprido. Tudo deveria ser cumprido. Jesus de Nazaré (versos 22-24) tinha sido morto pelos judeus, mas Deus, em ressurreição, O tinha feito Senhor e Cristo (verso 36).

Considere por um momento o resultado de tal mensagem se realmente crida. O Messias foi prometido. Ele veio. Por mãos fracas Ele foi crucificado e morto. Jeová O aceitara. Seus inimigos (eles estavam contados no meio deles) seriam feitos Seu escabelo. Que fazer da esperança dos israelitas agora? O que eles deveriam fazer para escapar do julgamento ameaçador! Tudo isso e mais estaria envolvido na pergunta ansiosa: “Que faremos, varões irmãos,?” (verso 37).

Note, não é a pergunta do carcereiro filipense: “Que é necessário que eu faça para ser salvo?” (At 16:30). A idéia da salvação pessoal talvez esteja incluída nela, mas é mais o que devemos fazer para escapar do iminente destino de Seus inimigos, como parte da nação que O rejeitará? Em concordância com Salmo 2, o Messias tinha sido desprezado pelos governantes e pelo povo, contudo o

aparte das obras (Rm 4:4,5), mas é aceito por concessão que um verdadeiro crente estará desejoso da completa identificação de si mesmo com o Senhor, e por essa razão o batismo é visto como bem o primeiro ato de fé, apenas isso que dá o valor, pois aparte disso é uma figura sem significado. Alguns podem ser imersos em toda boa fé da parte do evangelista, os quais realmente não eram crentes de jeito nenhum, como no caso de Simão o mágico (At 8:9-13, 18-23), mas em nenhum lugar na Escritura lemos de algum obreiro conscientemente batizando alguém que não foi salvo, e nunca do batismo de alguém muito jovem para exercício da fé no Filho de Deus⁵.

O batismo pressupõe conhecimento da parte do sujeitado quanto ao seu sentido, como é o claro apelo do apóstolo, “não saibei”, em Romanos 6:3, onde ele fala do batismo na morte de Jesus Cristo.

O BATISMO NA MORTE DE JESUS CRISTO

Citaremos a passagem completa que se refere a isso.

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que abunde a graça? De modo nenhum. Nós, que já morremos para o pecado, como viveremos ainda nele? Ou, porventura, ignorais que todos quantos fomos batizados em⁶ Cristo Jesus fomos batizados na⁶ sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na⁶ morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição” (Rm 6:1-5).

Aqui todas as coisas parecem ser simples, mas, infelizmente, mesmo sobre tão clara Escritura tem havido muito conflito de opinião. A doutrina da graça nos capítulos anteriores, que mostra que o homem é “justificado pela fé sem [ou aparte de] as obras da lei” (Rm 3:28), com o ensino adicional da mudança de Senhorio, de Adão para Cristo (Rom 5:12-21), que “como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um, muitos

⁵ Filipe batizou “tanto homens como mulheres” (At 8:12). Se as crianças pequenas fossem também submetidas ao batismo nos dias apostólicos, aqui, alguém pensaria, seria o lugar para mencioná-lo. Permita o evangelista dos dias de hoje seguir o exemplo de Filipe e ele não precisa temer que esteja agindo contrário à Escritura.

⁶ “Em” é provavelmente a palavra mais conveniente aqui. A preposição grega trará a mesma interpretação. Veja em 1 Coríntios 10:2 que de Israel é dito terem sido “batizados em Moisés”. É a mesma palavra. Eles foram separados para Moisés como líder, e nós para Jesus Cristo como Senhor.

serão feitos justos” (verso19), pode levar alguém a perguntar: “Se tudo é pela graça porque não me beneficiar como me agrada? Quanto maior meu pecado, maior a graça que me restaurará”. Para responder, o apóstolo faz um apelo à verdade fundamental simbolizada no batismo bem no princípio da jornada cristã.

“De uma vez”, ele exclama “morremos para o pecado”, isto é, cessamos de estar sob seu domínio, porque Cristo com quem estamos agora identificados morreu para ele (verso 10). Ele então não deve mais nos controlar. Não devemos mais viver para aquilo que morremos. Não foi nosso batismo um sepultamento em Sua morte? Isso não diz que morremos com Ele e agora fomos sepultados com Ele? “Não sabeis que todos quantos fomos batizados [imersos] em Jesus Cristo fomos batizados [imersos] em Sua morte?” (verso 3). Aqui o conhecimento definido está conectado com a cerimônia – “Não sabeis?” Eles deveriam ser advertidos disso a tempo. Ele está surpreso da ignorância de alguns entre eles que não compreendem que aquela sua condição inicial está acabada para sempre.

No batismo acuso o recebimento daquilo que em mim mesmo não tenho esperança. A morte é minha única porção. Mas Cristo morreu, e isso por mim. Sua morte é o meu único motivo de confiança. Por isso estou sepultado para ele. Mas não somente isso. Sua morte é a minha morte. Morri com Ele. Tudo o que eu era por natureza Deus tratou judicialmente na cruz de Cristo. Assim tendo morrido é correto que eu seja sepultado. Minha condição antiga está findada, e disso a sepultura aquosa é testemunha.

A fé diz: “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2:20). O batismo é a confissão do sepultamento com Ele. Doravante “vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim”, ou, como o temos no capítulo diante de nós: “Como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória de Deus, assim andemos nós também em novidade de vida” (verso 4).

Se o pecado tenta me controlar, devo apontar para trás para a sepultura e dizer: “fui sepultado”. Morri com Cristo de sob sua autoridade. Você não pode esperar meu serviço deste lado da sepultura. Sou um homem ressurreto. O batismo me separou externamente de sua esfera. (Foi uma ótima resposta que um irmão certa vez deu quando a questão das sociedades secretas estava sendo discutida. Voltando-se a ele alguém disse: “Mas você é um maçom livre, não é?” “Não”, foi a resposta, “Não sou”. “Mas certamente um dia você o foi, e uma vez um maçom livre, maçom livre até a morte”,

foi a réplica. “Verdade, mas sepultei o maçom livre no lago de Ontário”, ele respondeu, e foi evidente que ele pelo menos entrou no significado do batismo.)

Em Colossenses a mesma verdade é reforçada, ainda que talvez com pungência adicional: “No qual também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne (“os pecados da” geralmente é considerado uma interpolação, e podia provavelmente ser omitido), a saber, a circuncisão de Cristo; tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual [ou, em quem] também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos” (Cl 2:11,12).

Aqui é claramente tomado por garantia que todos aqueles que são corretamente submetidos ao batismo foram ressuscitados com Cristo “através da entretecida fé de Deus”, como alguns poderiam traduzi-lo. Não que isso seja verdade de todo batizado, mas é a ordem de Deus – não a confusão de homem – que está em vista. De acordo com o padrão divino os batizados são uma companhia de pessoas os quais realmente estão circuncidados com a circuncisão não feita por mãos – isto é, viram o fim da carne (quando diante de Deus) na cruz, e agora se colocam no terreno da ressurreição. A circuncisão foi um corte da carne. Mas Cristo foi cortado por mim. Por isso a carne está anulada do ponto de vista de Deus. Morri quando Cristo morreu, e por isso fui circuncidado em Sua morte. Como para o batismo e a circuncisão vistos como uma ordenança sucedendo uma a outra, é suficiente dizer que no passado, um israelita natural tinha que ser circuncidado ao oitavo dia; na dispensação presente alguém que, pelo novo nascimento, é trazido para a família de Deus, deve ser batizado. Há um pensamento similar na primeira carta de Pedro. Comentando sobre o aspecto simbólico do livramento de Noé pelas águas (salvo das ondas do julgamento que, enquanto subjugavam os incrédulos, o carregava com sua família para uma nova terra) ele diz: “Que também agora, por uma verdadeira figura [antítipo] o batismo, vos salva, o qual não é o despojamento da imundícia da carne, mas a indagação [demanda] de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo” (1 Pe 3:21).

Noé salvo através do dilúvio na arca representa o livramento do crente do julgamento, como o batismo claramente expressa, isto é, a salvação pela obra de Cristo. Ele suportou toda a maldição, mesmo quando a arca enfrentou todo o ímpeto da tempestade, mas o crente